

Diário de Prisão de Ho Chi Minh



Traduzido do inglês

Introdução de
Harrisson E. Salisbury
Prefácio de
Phan Nhuan

Diário de Prisão
de
Ho Chi Minh

Título do original

The Prison Diary of Ho Chi Minh

Introdução de Harrison E. Salisbury para

The Prison Diary of Ho Chi Minh

copyright © 1971 Bantam Books, Inc.

Diário de Prisão de Ho Chi Minh

Traduzido do inglês

Introdução de
Harrison E. Salisbury

Prefácio de
Phan Nhuan

Direitos de publicação reservados à

DIFEL — DIFUSÃO EDITORIAL S.A.

Av. Passos, 122 — 11º — CEP 20.000

Tels.: 223-2365, 243-1802 e 243-9317

Rio de Janeiro — RJ.

R. Marquês de Itu, 79 — CEP 01223

Tel.: 221-7725

São Paulo — SP.

DIFEL • Rio

INTRODUÇÃO

Nos seus últimos anos de vida, Ho Chi Minh gostava de repetir uma pergunta aos americanos que o visitavam em Hanói, para discutir sobre o fim da guerra no Vietnã.

— Diga-me uma coisa — ele perguntava — a Estátua da Liberdade ainda está de pé? Às vezes me parece que ela deve estar de cabeça para baixo.

Ho Chi Minh, então, era um velho delgado, leve, de movimentos ágeis, movido por curiosidade quase infantil pelo grande país com o qual o Vietnã estava em guerra, e de que já tivera uma rápida visão quando esteve na América nos seus tempos de marinheiro.

Surpreendia grande parte dos visitantes ocidentais que Ho recebia, encontrá-lo — um oriental quase clássico, com seu cavanhaque ralo, jaqueta do tipo Mao, calças folgadas de linho e sandálias baratas

— inteiramente voltado para a política internacional relacionada com a guerra e, ao mesmo tempo, sinceramente interessado nos grandes homens da América. Ho era particularmente informado a respeito dos nomes ligados à Revolução Americana: George Washington, Thomas Jefferson, Patrick Henry, Abraham Lincoln (que ele citava de vez em quando), Woodrow Wilson (que foi seu ídolo na juventude) e Franklin Roosevelt (que ele acreditava teria defendido a independência da Indochina se não tivesse morrido, evitando a guerra que ensangüentou a região).

Não quero superestimar a afinidade de Ho pelos Estados Unidos. Ele foi, de fato, um velho e destacado comunista até a morte, em 3 de setembro de 1969. Em todo o movimento internacional, talvez só Mao Tsé-tung tenha desfrutado de tanta autoridade e inspirado tanto respeito. Mas Ho nunca viu incompatibilidade entre o marxismo (pelo menos como ele o entendia) e os princípios, por exemplo, da Declaração de Independência dos Estados Unidos. Em consequência disso, ao redigir a Declaração de Independência da República Democrática do Vietnã, em 2 de

setembro de 1945, ele começou com as seguintes palavras:

Todos os homens foram criados iguais; eles são dotados por seu Criador de certos Direitos inalienáveis; entre os quais estão a Vida, a Liberdade e a Busca da Felicidade.

Essa afirmação imortal consta da Declaração de Independência dos Estados Unidos da América, de 1776. Num sentido mais amplo ela significa que todas as pessoas na Terra são iguais pelo nascimento, todas têm direito à vida, à felicidade e à liberdade.

Ho quis citar diretamente da Declaração Americana. Infelizmente, os oficiais da OSS (antecessora, durante a guerra, da CIA), únicos americanos em Hanói, não possuíam essa cópia da Declaração para fornecer.

Ho Chi Minh era homem de contradições e surpresas, algumas deliberadas. Os especialistas discutiam sobre se seria ele antes de tudo um nacionalista, ou um comunista acima de qualquer outra coisa. A resposta não é difícil. Ho foi as duas coi-

sas, embora tenha sido primeiro nacionalista, só se transformando em comunista porque esses pareciam mais dedicados à tarefa de libertar a Indochina. Ho chegou a preparar-se — assim acreditam alguns especialistas franceses — em uma ou duas ocasiões, para renunciar formalmente à sua filiação ao Partido Comunista, se assim fosse preciso para que se obtivesse a independência vietnamita.

Quanto ao comunismo, poucos homens nesse movimento desempenharam papéis tão diversos. Em toda sua vida, Ho foi membro de pelo menos quatro ou cinco partidos comunistas — primeiro o francês, depois o soviético, em seguida o chinês, depois o indochinês e finalmente o vietnamita. Por muitos anos ativo funcionário do Comintern — a Internacional Comunista — Ho viu-se engajado em missões revolucionárias, secretas e misteriosas em dezenas de países, e não apenas na Ásia.

Os americanos pensam em Ho sempre ligado com a guerra do Vietnã. Ele é “Tio Ho”, o estranho e impenetrável líder comunista que de certo modo conseguiu deter a máquina militar e tecnológica ame-

ricana, numa luta de Davi e Golias sem precedentes em nosso tempo, um exemplar vivo de uma sociedade simples e primitiva que se saiu vitoriosa no confronto com um poderio guerreiro jamais antes criado pelo homem. O contraste entre o “Tio Ho” e o homenzinho frágil de aspecto chinês, com sandálias de borracha, instalado nos estábulos dos fundos do Palácio do Governo em Hanói, tomando chá com seus visitantes, polido e discreto (uma rosa para as senhoras, uma frase irônica para os homens), é tudo parte do seu mito e da sua lenda.

Dessas características Ho era, com certeza, inconsciente. O grande especialista francês sobre Vietnã, o falecido Bernard Fall, insistiu com ele sobre detalhes de sua biografia. Ho respondeu, com uma piscadela maliciosa: “Você sabe, eu sou velho, e um velho gosta de manter um pouco de mistério em torno de si. Quero preservar um pouco disso, e tenho certeza que você compreenderá.”

Até hoje, muitos desses mistérios permanecem — detalhes sobre nascimento, família e atividades de Ho por longos períodos (às vezes até dez anos) e mesmo

sobre seu nome. De 1920 até sua morte, ele falou constantemente, e escreveu muito. Seu primeiro ponto de referência como revolucionário foi como editor do jornal *Le Paria* (*O Pária*), em Paris. Através dessa torrente de escritos é fácil saber de suas opiniões sobre política, a respeito do sistema colonial francês, do seu zelo em converter seus compatriotas à causa nacionalista e revolucionária. Mas em tudo há apenas pequenos esclarecimentos sobre o homem Ho, filho de um pai simpatizante nacionalista. Ho deixou seu país com vinte anos e não voltou lá durante cerca de 30 anos, embora trabalhando incansavelmente pela causa vietnamita — tão intensamente, ele repetia, que não teve nem tempo de se casar e constituir família. No fim da vida ele diria que o povo do Vietnã era toda sua família.

Mas Ho não morreu sem deixar uma pista — e mais do que uma pista — do que ele considerava o homem integral, do que via como fundamental no espírito humano, e do que adotou como filosofia durante tantos anos de liderança nacional e revolucionária. Na minha bagagem, quando voltei da viagem a Hanói, em ja-

neiro de 1967, trouxe um pequenô volume encadernado em papel branco e malva, de finas páginas de papel de arroz, impresso em Hanói. Seu título era *Diário de Prisão*, de Ho Chi Minh, e dele eu nunca tinha ouvido falar antes.

Ho esteve na prisão mais do que umas poucas vezes. Esse diário foi escrito entre 28 de agosto de 1942 e 16 de setembro de 1943, quando Ho foi prisioneiro da polícia de Chiang Kai-shek numa série de prisões no sul da China. Levado de prisão em prisão, algumas vezes sob grilhões, sobreviveu nas condições mais difíceis. Sempre magro, Ho era quase um esqueleto quando foi afinal solto. Sua prisão foi feita pela polícia do Kuomintang, quando se encontrava a caminho de Chungking para discutir com Chiang Kai-shek sobre uma frente comum de chineses e vietnamitas contra os japoneses.

O *Diário da Prisão* de Ho não é um “diário” no sentido ocidental. Consiste de 115 quadras e poemas Tang, no clássico estilo chinês. Os versos foram produzidos em chinês, num caderno comum, intencionalmente escritos nessa língua e não em vietnamita porque Ho sabia que qual-

quer texto em língua desconhecida teria enfurecido seus captores, aumentando as suspeitas que já pesavam sobre ele.

Nesses treze meses de prisão, Ho viu-se confinado em trinta cárceres diferentes, além de forçado a caminhar cerca de 30 quilômetros por dia, com grilhões, dormindo à noite no chão de terra de prisões improvisadas, comendo apenas um punhado de arroz. Destacam-se em seus versos a fé e a serenidade face à incrível adversidade, e sua capacidade de reanimar-se de repente, diante de um pedaço de céu azul, do vôo de um pássaro, do perfume de uma flor, da visão distante das montanhas ou dos detalhes comuns da vida camponesa — mulheres socando milho, o fogo nas lareiras, o som da flauta tocada por um menino.

Nos poemas estão as nuances da vida na prisão, suas misérias, como os piolhos, as sarnas, o roubo, a fome, a crueldade dos guardas, os grilhões, o frio, o desconforto, o mau cheiro. Apesar de tudo, porém, o espírito do homem coloca-se acima dessas contingências: “Mesmo com as pernas e braços fortemente amarrados,/ Por toda montanha eu ouvi o canto dos

pássaros,/ E senti através da floresta o perfume das flores da primavera./ As calamidades me temperaram e enrijeceram,/ Transformando minha mente em aço”.

À medida que avançamos na leitura do *Diário de Prisão*, sentimo-nos em presença de uma personalidade que combina aço e sensibilidade. Há nele momentos de nostalgia — Wendell Wilkie é recebido calorosamente na China, enquanto Ho permanece na prisão, embora ambos tenham partido com missões semelhantes; durante um ano inteiro o preso não tem uma só palavra para com a Indochina, e seu coração parece pesado. Mas Ho sempre pode sorrir amargo, nesses transe. O Estado é obrigado a alimentá-lo — diz ele — dar-lhe abrigo, fazê-lo acompanhar de guardas, e o prisioneiro é livre para ver as maravilhas da natureza, para se deliciar com as montanhas e rios, e “esmagado por tais privilégios, um homem é realmente um homem”. Ho é sensível e simpático com seus companheiros de prisão, registra a morte por inanição de um jogador preso, escreve uma petição para um companheiro analfabeto, conforta a mulher de um

desertor, agradece mentalmente aos operários que tornaram a estrada mais suave nas marchas intermináveis.

Havia em Ho, é evidente, não apenas o cérebro de um organizador revolucionário, um exortador de homens e um especialista em organização política, mas um filósofo-poeta na melhor tradição asiática, um homem que podia galgar as montanhas do sul da China, cruzar rios, repousar exausto em taperas infestadas de piolhos, e contudo sorrir quando o vento balança os ramos da árvore e o sol toca o cimo de um morro distante. Então, como ele escreveu, "o calor enche o coração do homem, e a vida renasce. O sofrimento cede lugar à felicidade".

Mas Ho não é um Keats chinês, um simples lírico da natureza (embora tenha sido um pouco dos dois). Ele é o poeta de um novo tipo, e tal como com a neve, com as flores, com a neblina e as montanhas, ele é capaz de fazer poemas "com ferro e aço". "O poeta — lembra ele — também deve saber comandar e atacar" E assim é que —

Aqueles que saem da prisão podem reconstruir o país.

O sofrimento é um teste para a fidelidade do povo.

Aqueles que protestam na injustiça são pessoas de valor.

Quando as portas das prisões se abrirem, o verdadeiro dragão voará para fora.

Nessa quadra, talvez, Ho escreveu seu epitáfio — o de um poeta com alma de dragão. Esse foi seu legado a uma geração revolucionária, no seu país e do exterior — a certeza de que dentro do mais humilde e frágil dos homens está escondido um guerreiro poderoso, mais possante que aquele que se protege por trás da mais complexa aparelhagem tecnológica que a mente humana pode conceber, mais tremendo que a bomba atômica, mais duro que o mais duro aço. O espírito do homem. Enquanto essa centelha arder, Ho mostra claramente, nenhuma força pode prevalecer contra ela.

Harrison E. Salisbury

Abril de 1971

PREFÁCIO

Julho de 1946, Paris.

Na sala de recepção daquele palácio na margem direita do rio, um jornalista forte e entusiasmado interrogou, por uns 15 minutos, um homem franzino com profundas marcas de sofrimento e privação na face, tendo ao lado um pequeno vaso com rosas.

À volta se encontravam aproximadamente um centena de repórteres e observadores de todos os países.

"Sr. Presidente, o senhor é comunista, não é?" — o jornalista indagou.

"Sim" — o homem respondeu descan-sadamente.

"O senhor esteve na Resistência?"

"Sim".

"Por quanto tempo?"

"Cerca de 40 anos."

"O senhor esteve também na prisão?"

Estava clara a intenção do jornalista.

"Sim".

"Que prisão?"

"Várias, senhor."

"Por muito tempo?"

O homem franzino olhou o forte e entusiasmado jornalista com um leve sorriso e disse — "Na prisão o tempo é sempre longo, você sabe."

A resposta dada em francês foi imediata, clara e inesperada. Teria sido dita como reprovação, ironia ou humor? O que é certo é que naquele momento os franceses, ingleses e americanos na sala estavam espantados ao perceberem que o inteligente homem de cavanhaque podia sorrir em Paris ou em Londres como também em Hanói; era o inescrutável sorriso de um homem sábio cuja visão se estende muito além do dia de hoje.

Tem você mais alguma pergunta, jornalista?

"Na prisão, o tempo é sempre longo."

Agosto de 1942, na Ásia.

O segundo ano da guerra chegava ao fim. Os japoneses tomaram a Indochina.

Mas novas forças surgiam. No Vietnã uma base de resistência estava firmemente estabelecida nos planaltos.

Um dia, na fronteira entre a China e o Vietnã, a polícia de Chiang Kai-shek prende um homem, sobre quem nada sabia além de ser chamado Ho Chi Minh, e que ele queria ir para Chungking, alegando ser o representante dos patriotas vietnamitas.

Quem era este Ho Chi Minh? Por volta de 1926 ou 1927, houve um patriota vietnamita chamado Nguyen Ai Quoc — conhecido por toda a polícia do Extremo Oriente — que costumava viajar por esta turbulenta região do mundo. Mas Nguyen, o Patriota, estava morto.

Este homem parecia ter a mesma idade. Suas roupas eram muito simples, porém pequenos detalhes revelavam não ser ele um homem comum, e, estranho dizer, ele queria ver as autoridades chinesas em Chungking. Isto era o bastante para levar um homem à prisão.

Primeiro é colocado na prisão de Tsing-si; depois, sem nenhuma razão plausível, é levado para Nanning; de Nanning é en-

viado a Kweilin e de Kweilin para Liuchow onde reexamina os seus passos. . .

Antes da madrugada, quando as estrelas desaparecem, é conduzido, com as mãos atadas, atrás de um porco carregado por dois guardas. Ao cair da noite, quando os pássaros retornam aos seus ninhos, é confinado em uma prisão provisória perto de um monturo de lixo, feliz por ter uma perna agrilhoadada para evitar o sono da noite num fosso.

Transferido daqui para ali por rotas não definidas, passa pelos 13 distritos da província de Kwangsi, é confinado em 13 prefeituras e prisões distritais por 14 meses ao todo e posto sob controle domiciliar em Liuchow de onde retorna à fronteira que havia cruzado há dois anos.

Apesar das caminhadas de 50 quilômetros, apesar das noites em branco, da fome, do frio, das febres, das cangas, o prisioneiro conservou o sorriso que comprovava sua inexaurível confiança na Vida, em todas as vitórias sobre o Mal e a Morte.

Com os braços e as pernas atados, quem pode proibir você de ouvir o cantar de um pássaro, de cheirar a fragrância das flores? A solidão, a inércia pesa em você?

A lua do outono brilha no céu. Entorpece o seu desejo o langor de um crepúsculo? Olhe para aquela casa acesa na noite escura como breu:

Exaustos os pássaros voam para o floresta, procurando descanso,
Através do céu vazio uma nuvem solitária é levada,
Longe, numa vila montanhosa, uma jovem debulha o milho,
Quando o milho está todo debulhado,
o fogo arde no forno.

A polícia observa todo detalhe de seus gestos e atos. Quem pode lhe proibir de descrever a solidão de uma hora, uma situação inenarrável, o drama atrás de um sorriso? A poesia das coisas está no coração da vida. E se a poesia pode ter uma função em vida, ela tem nas circunstâncias descritas acima.

As prisões chinesas naquela época eram muito mais como uma corte de milagres do que como a cela da Santé. Eram lu-*

* O principal presídio de Paris.

gares desumanos, cheios de miséria, de imundície, corrupção, doenças, onde jogadores, doidos, viciados em ópio, sarnentos e sífilíticos se acotovelavam. Fora isto, tinha-se uma vida como em família, preparando chá num fogão de uso pessoal e comendo com prazer quando havia algo para comer, depois de uma boa caça aos piolhos.

Algumas vezes à tarde, sentado no escuro, nosso prisioneiro perscrutava todas estas pessoas, adormecidas ou acordadas, homens com cara de inocente no chão, escaravinhos nas paredes rastejando como blindados carros pretos na noite, e mosquitos voando em bandos pelos céus. O mundo estava em guerra, enquanto ele sofria num canto de uma cela de prisão, longe de sua terra natal, longe de seus companheiros. Era exatamente nestes momentos que ele tomava o seu manuseado caderno de apontamentos e rascunhava as impressões diárias. Ele escreveu na língua dos seus aprisionadores, os quais suspeitariam de todo material escrito em vietnamita.

Esta foi a origem de uma centena de curiosos quartetos e poemas Tang escritos em chinês clássico adornado ora com uma

sentença metálica, ora com uma expressão popular. Todos eram quadros retirados da vida e formaram o que poderia ser chamado livro de viagem do prisioneiro.

Nós traduzimos o livro para nossos amigos do exterior. E o prisioneiro, como você deve ter suposto, era nada mais do que Nguyen, o Patriota, o homem que recebeu jornalistas na sala de recepção do Royal Monceau certa tarde de julho de 1946, o ano da reconciliação franco-vietnamita, como poderia ser denominado.

Dentro do corpo de obra desta coleção de poemas traduzidos não desejamos esmiuçar a vida política do autor — parece-nos desnecessário, porque o nome de Ho Chi Minh há muito é bem conhecido do público no Ocidente.

Nem faremos também um estudo crítico de seus poemas nesta modesta coleção de textos. Nós nos abstermos de tomar o lugar do leitor que é bastante perspicaz para determinar o seu valor.

Entretanto consideramos necessário fazer uma pequena observação.

Atualmente existem muitas autobiografias de grandes estadistas. Autobiografias

são parte da história, e história, como você sabe, pode ser contada como você quiser.

Ao público, especialmente na Europa, raramente é dada a oportunidade de ler os poemas destes homens. Isto por muitas razões das quais a seguinte é digna de nota, por mais impertinente que possa ser: grandes estadistas são grandes principalmente por causa de seu trabalho, seu pensamento e seu caráter, nunca por causa de sua sensibilidade. Agora, poesia é algo mais íntimo do homem. Não se pode dizer mentiras ou então o poeta não é um poeta.

Em homens como Ho chi Minh, a inteligência e sensibilidade são uma só coisa. Não há nada de secreto em sua vida pública e particular. Para ele a visão do sofrimento invoca ação e expressão poética.

A rosa se abre à tardinha, e então desaparece.

O seu abrir e seu fechar continua por todos despercebidos,

Mas a fragrância da rosa exala até às profundezas da prisão,

Dizendo aos lá encarcerados da injustiça e sofrimento.

Este livrinho nos torna capaz de entender seu autor melhor do que extensas autobiografias.

PHAN NHUAN

O corpo está preso,
A mente escapa em liberdade:
Grandes feitos exigem
Mente ampla e bem temperada.

PRIMEIRA PÁGINA DO DIÁRIO

Recitar versos nunca foi um dos meus
hábitos,
Mas agora, na prisão, que me resta mais
fazer?
Esses dias de prisão vou passar escreven-
do poemas,
E o seu canto trará mais depressa o dia
da liberdade.

PRESO NA RUA TURKVIN
(Rua "Abundância e Glória")

Na rua "Abundância e Glória" a vergo-
gonha me atingiu
E me deteve em seu caminho:
Sou um homem honesto, com uma cons-
ciência limpa,
Mas fui acusado injustamente de ser um
espião.

CHEGANDO À PRISÃO DE TSINGSI

Os velhos presos dão as boas-vindas aos
novos presos.
No céu, nuvens brancas perseguem outras,
escuras.
As nuvens somem do nosso campo de
visão.
Na terra, gente livre é amontoadada nas
prisões.

DIFÍCIL É O CAMINHO DA VIDA

I

Tendo galgado montanhas escarpadas e
altos picos,
Por que devo temer perigos nas planícies?
Nas montanhas, defrontei com o tigre e
voltei ileso:
Nas planícies, deparei com o homem e fui
atirado à prisão.

II

Representei o Vietnã
A caminho da China para encontrar um
personagem importante
Na estrada sossegada desencadeou-se uma
tempestade,
E fui atirado ao xadrez como convidado
de honra.

III

Sou um homem correto sem crimes na
consciência,
Mas fui acusado de ser espião da China.
Assim a vida, veja só, nem sempre é suave,
E o presente está toldado de dificuldades.

MANHÃ

I

A cada manhã o sol, surgindo sobre o
muro,
Lança seus raios contra o portão, mas o
portão continua trancado.
Dentro da prisão a cela está envolvida na
escuridão.
Nós, porém, sabemos que lá fora o sol
brilhou.

II

Uma vez acordados, todos começamos a
caça aos piolhos.
Às oito soa o sinal para a refeição da
manhã,
Vamos lá! Vamos comer para contentar
nosso coração.
Pelo muito que sofremos, tempos melhores
virão.

MEIO-DIA

Na cela, que bom fazer a sesta!
Mergulhamos, horas e horas, num sono
profundo.
Sonho que cavalgo um dragão até o céu...
Despertando, eis que volto de repente para
a prisão.

TARDE

Duas horas: abre-se a porta da cela para
deixar o ar puro entrar.
Todo mundo estira a cabeça para espiar
o céu.
Espíritos livres que habitam o céu da li-
berdade,
Vocês sabem que gente como vocês defi-
nha na prisão?

NOITE

Quando a refeição acaba, o sol se esconde
no ocidente.
Agora, de todos os cantos, canções popu-
lares e música
De repente se fazem ouvir: a prisão escura
de Tsingsi
Se transforma numa academia de arte.

REFEIÇÕES NA PRISÃO

Em cada refeição, só uma tijela de arroz
vermelho,
Sem legumes, sem sal e sem caldo:
Os que recebem comida de fora podem
comer até faltar-se.
Sem essa ajuda, gememos de fome.

A FLAUTA DO PRISIONEIRO

De repente, o som nostálgico de uma flauta:
A música cresce, triste, seu som se apro-
xima do soluço:
A mil quilômetros dali, além das monta-
nhas e dos rios,
O dia é triste e doloroso. Uma mulher,
parece,
Sobe a uma torre para olhar o horizonte
à espera de alguém.

ACORRENTADOS

I

Com a boca aberta como a de um monstro feroz
Cada noite os ferros devoram as pernas dos homens:
As mandíbulas prendem a perna direita de cada prisioneiro:
Só a esquerda é deixada livre para dobrar e estirar.

II

Há ainda uma coisa estranha neste mundo:
As pessoas correm para prender suas pernas em grilhões.
Uma vez acorrentados, podem dormir em paz.
De outra maneira eles não teriam onde descansar suas cabeças.

APRENDENDO A JOGAR XADREZ

I

Para passar o tempo, aprendemos a jogar xadrez.
Aos milhares, cavalos e infantaria se perseguiam,
Precipitavam-se para a ação, atacando e recuando.
Talento e agilidade asseguram nossa vitória.

II

Os olhos precisam ver longe, os pensamentos exigem reflexão.
O ataque deve ser audaz e persistente.
Uma ordem errada torna inútil todo esforço.
Chegado o momento certo, um peão pode decidir a vitória.

III

De um lado e de outro as forças se equilibram.

A vitória, porém, será de um só deles.

Avanço, recuo, a estratégia infalível:

Só então você merece o título de grande comandante.

LUAR

Para os prisioneiros, não há bebidas nem flores,

Mas a noite é tão agradável, como vamos festejá-la?

Espio a lua, através do respiradouro,

Pela passagem estreita, a lua sorri para o poeta.

A RAÇÃO DE ÁGUA

Cada um de nós tem como ração meio
 jarro de água
 Para o banho ou para ferver o chá, con-
 forme o gosto:
 Se você quer lavar o rosto, não terá como
 preparar o chá:
 Se quer tomar seu chá, não poderá lavar
 seu rosto.

O FESTIVAL DO MEADO DO OUTONO

I

A lua desse meio outono é redonda como
um espelho
E espalha por toda terra seus raios de
prata.
Os que gostam desse tempo junto da fa-
mília,
Lembrem-se dos que estão presos, sorven-
do os restos da miséria.

II

Na prisão comemoramos também o festival
do meado do outono.
Para nós, a lua e o vento trazem um gos-
to de tristeza.
Privado da liberdade de gozar a lua de
outono,
Meu coração viaja com ela em seu cami-
nho no céu.

JOGO

Lá fora, as pessoas que jogam são presas,
Mas uma vez na prisão, podem jogar o
 quanto quiserem;
Assim, é claro, os presos sempre lamen-
 tam:
“Por que não pensei antes em vir para
 cá?”

PRESO POR JOGAR

O Estado não fornece alimento aos presos
 acusados de jogadores,
Para que eles aprendam depressa o erro
 de sua vida passada:
Os presos ricos comem, todos os dias, suas
 refeições fartas,
Mas os pobres choram e suas bocas famin-
 tas se enchem de água.

TRANSFERIDO PARA TIENPAO NO DIA DO "DUPLO DÉCIMO"

As casas foram enfeitadas com flores e
lanternas.
No dia nacional, todo o país se alegrou,
Mas nesse mesmo dia, fui algemado e
transferido:
O vento se opunha ao vôo da águia.

NA ESTRADA

Só livres, na estrada, podemos avaliar os
perigos que passamos.
Depois de galgar uma montanha, vislum-
bramos outra;
Logo que chegamos ao alto da montanha
distante,
Mais de dez mil *li* podem ser vistos de
uma vez.

ANOITECER

Os pássaros voam à procura de descanso
nos bosques.
Cortando o céu vazio, uma nuvem flutua
solitária.
Longe, num vilarejo na montanha, uma
menina prepara as espigas.
Quando o milho está todo no chão, o fogo
começa a queimar vermelho
no forno.

PARADA NOTURNA EM LUNGJUN

O dia inteiro os dois cavalos das minhas
pernas trotaram sem descanso.
À noite elas permaneceram atreladas
E expostas ao ataque combinado dos inse-
tos e do frio.
Como foi bem-vindo o canto do papa-figo,
anunciando a madrugada.

TIENTUNG

Em cada refeição, só uma tijela de sopa
de arroz.
Dia e noite, o queixume do estômago fa-
minto;
Três *yuan* de arroz branco não chegam a
alimentar,
Quando madeira é vendida como canela,
e os grãos de arroz como se
fossem pérolas.

CHEGADA A TIENPAO

Caminhei hoje cinquenta e três quilôme-
tros,
Minhas roupas estão completamente enso-
padas, meus sapatos estão rasgados,
E durante toda a noite, sem ter onde
deitar,
Esperei pelo outro dia, na borda de uma
cloaca.

VISITA A SEU MARIDO NA PRISÃO

O marido está no outro lado das grades.
A mulher está fora, e olha para ele.
Estão próximos um do outro, separados
por centímetros,
E ainda assim tão distantes, como o céu
e o fundo do mar.
O que as palavras não dizem, seus olhos
descrevem.
A cada palavra, seus olhos marejam de
lágrimas.
Quem pode observar impassível e indife-
rente esse encontro?

QUANDO DA NOTÍCIA, NOS JORNAIS, DA VISITA DE WILKIE

Somos ambos amigos da China,
Vamos ambos para Chunking,
Mas você segue viagem como convidado
de honra,
Enquanto eu sou prisioneiro, atirado sob
uma escada.
Por que somos tratados de modo tão di-
verso?
Frieza para com um, cordialidade para
com outro:
O mundo sempre foi assim, desde tempos
imemoriais
As águas correm para o mar.

A HOSPEDARIA DA SOPA

À margem da estrada, sombreada por
grande árvore,
Uma casa de palha serve de hospedaria
aos que passam,
Mas não há vinho para os hóspedes que
chegam:
O cardápio é todo ele sopa de arroz e sal.

PRISÃO DE KUOTEH

Estranha prisão onde os cuidados domés-
ticos nos assaltam!
Lenha, arroz, azeite, sal — tudo deve ser
comprado a bom dinheiro.
Em frente de cada cela, um fogãozinho
Onde o arroz de cada dia é cozido e a sopa
fervida.

1

II

PARTIDA ANTES DO AMANHECER

1

Os galos cantam uma vez, a noite ainda
não acabou.
Devagar, a lua sobe atrás das montanhas
outonais
Na companhia das estrelas, e já o viajante
Que vem de longe está na estrada;
Seu rosto é castigado pelas rajadas frias
do vento.

II

A claridade do nascente vai se tornando rósea,
As sombras da noite vão sumindo, e um
leve calor se espalha
No universo, e no viajante
O poeta se aquece e desperta.

DE LUNGAN PARA A PRISÃO DE TUNGCHUN

A terra aqui é vasta e muito pobre,
Por isso que sua gente é frugal e traba-
lhadora,
Nesta primavera há uma terrível seca, al-
guém nos diz:
Só dois ou três décimos da terra são se-
meados para a colheita.

1

II

62

63

NA ESTRADA

Mesmo com as pernas e braços fortemen-
te amarrados,
Por toda montanha eu ouvi o canto dos
pássaros,
E senti através da floresta o perfume das
flores da primavera.
Quem me impede de fruir livremente isso,
que tira da longa jornada um pouco da
sua solidão?

TUNGCHUN (O 2.º e o 11.º meses)

A prisão de Tungchun se parece nisso com
a de Pingma:
Cada refeição um prato de sopa de arroz,
o estômago sempre vazio,
Mas pelo menos aqui há luz e água com
fartura,
E cada dia as celas são abertas duas vezes
para que entre um pouco de
ar fresco.

O COBERTOR DE PAPEL DE UM COMPANHEIRO DE PRISÃO

Páginas de velhos e novos livros são cola-
das umas às outras.
Um cobertor de papel é muito melhor que
coisa nenhuma.
Vocês, que dormem em camas de jade
com cortinas de brocado,
Vocês sabiam que muita gente não conse-
gue dormir nas prisões?

NOITE FRIA

Na noite fria de outono, sem colchão, sem
cobertor,
O corpo encurvado e as pernas encolhidas,
Tento em vão dormir. O luar na vegetação
Aumenta a sensação de frio e, através das
grades da janela,
A Ursa Maior estira o corpo para nos
olhar.

GRILHÕES

Um comprido dragão se enlaça em meus
 braços e pernas:
Pareço um oficial estrangeiro com dragô-
 nas nos ombros,
Mas as borlas que adornam fardas são te-
 cidas a ouro:
Minhas dragonas não são mais do que os
 anéis de uma corda.

ADEUS A UM DENTE

Você é duro e orgulhoso, amigo,
Não macio e longo como a língua:
Juntos partilhamos toda sorte de amargor
 e doçura,
Mas agora você vai para um lado e eu
 para o outro.

A MULHER DE UM RECRUTA DESERTOR

Um dia você foi, não para voltar outra
vez,
Deixando-me sozinha em nosso quarto,
triste e só.
As autoridades, se apiedando de minha
solidão,
Convidaram-me a viver por algum tempo
na prisão.

PARA SORRIR

O Estado me alimenta com arroz: habito
seus palácios;
Seus guardas se revezam para me fazer
companhia.
Suas montanhas e seus rios, eu os con-
templo à vontade.
Com tais privilégios, um homem se sente
realmente um homem!

A CAMINHO DE NANNING

A corda macia é substituída por cadeias
de ferro.
A cada passo elas retinem con.o se fossem
anéis de jade.
Em lugar de prisioneiro, acusado de
espião,
Caminho com a dignidade de um antigo
oficial de governo.

GUARDAS LEVANDO PORCOS

I

Ao longo do caminho que percorremos,
guardas carregam porcos.
Os porcos vão nos ombros dos guardas,
enquanto homens arrastam suas
cadeias.
Quando o homem é forçado a abdicar de
sua liberdade natural
Seu valor é menor que o de um porco.

II

Neste mundo, as doenças do homem são
dezenas de milhares,
Mas nada pode acontecer de pior a ele
que a perda da liberdade.
Uma simples palavra, um gesto, são direi-
tos do homem.
E termos de aceitar ser conduzidos como
cavalos ou gado!

TROPEÇO

A escuridão ainda cobria a terra, quando
fomos forçados a seguir:
A estrada é tortuosa, bem como acidenta-
da e difícil.
Tropeçando, pensei cair num buraco pro-
fundo.
Foi terrível mas, com alguma sorte, con-
segui saltar,

NUM BARCO PARA NANNING

Levado pela corrente, o barco desliza para
Nanning.
Nossas pernas estão atadas em cordas que
vão até o teto, como no patíbulo.
Nas margens do rio vemos vilarejos prós-
peros,
Os barcos dos pescadores deslizam de leve
na corrente.

A PRISÃO DE NANNING

Esta é uma prisão construída em estilo
moderno.
Durante a noite o depósito de presos é
fartamente iluminado,
Mas de comida não há mais que uma ti-
jela de sopa de arroz,
O estômago está sempre protestando, trê-
mulo.

TRISTEZA

O mundo inteiro queima com as chamas
da guerra,
E os homens competem para ver quem
chegará primeiro na frente de
batalha.
Na prisão, a inércia esmaga o preso.
Minhas nobres aspirações valem menos
que um vintém!

OUVINDO O CANTAR DO GALO

Você é só um velho galo comum,
Mas toda madrugada você canta saudan-
do a aurora.
Có-có-ri-có! Você tira a gente do sono.
Sua tarefa de cada dia tem a sua impor-
tância.

MORTE DE UM HOMEM PRESO COMO JOGADOR

Nada mais restou dele senão pele e osso.
Miséria, frio e fome foram seu fim.
Na última noite ele dormiu perto de mim,
E hoje de manhã partiu para o País das
Nove Primaveras.

MAIS UM...

Po Yi e Chu Tsi* recusaram o arroz da
dinastia Chou.
Esse homem recusou a sopa de arroz do
governo.
Po Yi e Chu Tsi morreram na montanha
de Suyang.
O jogador preso morreu de fome em sua
cela.

* Po Yi e Chu Tsi eram filhos do rei Ku Tsu, no fim da dinastia Yin (China). Quando o rei Yu atacou a dinastia An, Po Yi e Chu Tsi tentaram dissuadir o rei. Logo que o rei Yu conquistou o país e fundou a dinastia Chou, ambos recusaram comer "o arroz dos Chou", partindo para as montanhas, onde tentaram se alimentar de ervas. Ambos morreram de fome lá, mais tarde.

É PROIBIDO FUMAR

Fumar aqui é totalmente proibido!
Seu fumo vai todo ele para o bolso do carcereiro.
Ele, claro, coloca-o no seu cachimbo — e
para isso tem toda a noite,
Mas se você tenta fazer o mesmo, há um
par de algemas à sua espera.

CREPÚSCULO

Agora o fio do vento é afiado nas rochas
da montanha.
A lança do frio perfura os galhos das
árvores.
O gongo de um pagode distante apressa
Os passos do viajante, e meninos tocam
flautas
Enquanto tangem os búfalos para casa,
através do crepúsculo.

PREÇOS

Sessenta centavos para cozinhar uma pa-
nela de arroz!
Um jarro de água quente custa um iuan.
Um iuan pago por uma informação vale
sessenta centavos.
São esses os preços estabelecidos na prisão.

UMA NOITE INSONE

A primeira vigília acaba. . . a segunda vigília. . . a terceira vigília. . .
Viro na cama, inquieto, e o sono não vem.
A quarta. . . a quarta vigília! Meus olhos não se fecharam
Senão quando comecei a sonhar com a
estrela de cinco pontas.

PENSANDO NUM AMIGO

Naquele dia, você veio comigo até a beira do rio.
“Quando você volta?”, perguntou. “Quando a nova colheita estiver pronta”,
Disse-lhe. Mas agora ela já foi colhida,
E eu ainda sou prisioneiro, preso numa terra estranha.

ESCREVENDO UMA PETIÇÃO PARA UM COMPANHEIRO

Estando todos no mesmo barco, não se
pode recusar
Ajuda a ninguém. Para você escrevo essa
petição,
Partindo de expressões consideradas cor-
retas,
Como: "Assim, de acordo com vossas su-
blimes instruções. . ."
Esse tipo de frase, nunca soube dele antes.
Mas você me agradece pelo trabalho que
faço!

SARNA

Cobertos de vermelho e azul, parecemos
vestidos de brocado,
E toda a coceira é como se nós tocásse-
mos violão.
Vestidos de brocado? Claro, somos con-
vidados de honra, aqui,
E partilhamos uma mesma linguagem com
os músicos.

OUVINDO O PILÃO DE ARROZ

Como o arroz precisa sofrer sob o pilão!
Mas depois de bem pisado, ele parece algodão muito branco.
A mesma coisa acontece com o homem
no mundo.
As dificuldades da oficina transformam-no
em puro jade.

O ONZE DE NOVEMBRO

I

Antigamente, quando o onze de novembro se aproximava
O fim da Primeira Guerra Mundial era celebrado na Europa.
Hoje há combates sangrentos nos cinco continentes,
E os nazistas comandam os criminosos.

II

A guerra de resistência na China dura quase seis anos:
Seus atos de heroísmo são conhecidos no mundo todo.
A vitória está ao seu alcance, mas grandes esforços são necessários
Para terminar a contra-ofensiva.

III

Por toda Ásia flutuam as bandeiras anti-japonesas:
Grandes e pequenas bandeiras — elas não
são todas iguais
É claro. Devemos ter conosco as grandes,
mas precisamos também das
pequenas.

ALARME AÉREO DE DOZE DE NOVEMBRO

Os aviões do inimigo chegaram rugindo no
céu.
As pessoas correram para os abrigos e deixaram o lugar deserto.
Enquanto o ataque começava, fomos tirados da prisão,
E uma vez fora da prisão, estávamos felizes, apesar do ataque aéreo.

"A ESTALAGEM"

De acordo com os regulamentos, os recém-
chegados
Devem dormir perto da cloaca,
De modo que uma pessoa que deseje ga-
rantir uma boa noite
Deve pagar à vista e com antecedência.

SOL MATUTINO

O sol matutino invade a prisão,
Varrendo a fumaça e dissolvendo a ne-
blina.
O sopro da vida enche o universo todo,
E põe um sorriso nos rostos dos prisio-
neiros.

JOGO DE PALAVRAS

Tire o sinal 人 (homem) do sinal
 囚 usado para prisão,
Some a ele 或 (probabilidade), forman-
do a palavra 國 (nação).
Tome o prefixo do sinal 患 de infortúnio:
O que resulta na palavra 忠 (fidelidade).
Some o sinal 亻 de homem (ereto) ao
sinal 憂 de preocupação,
O que resulta na palavra 優 (qualidade).
Tire a parte de cima de bambu 竹, do
sinal 龍 de prisão,
E eis o que você terá: 龍 (dragão)

II

Aqueles que saem da prisão podem re-
construir o país.
O sofrimento é um teste para a fidelidade
do povo.

Aqueles que protestam na injustiça são
 pessoas de valor.
Quando as portas das prisões se abrirem,
o verdadeiro dragão voará para
fora.

拆字

囚人出去或為國
患過頭時始見忠
人有憂愁優點大
籠開竹門出真龍

睡不著

一更二更三更
輾轉徘徊睡不成
四五更時才合眼
夢魂環繞五更星

憶友

昔君送我至江濱
問我歸期指谷新
現在新田已轉好
他鄉亦作獄中人

替誰友們寫報告

同舟共濟義難辭
替友編修報告書
奉此等因今始學
多多博得感恩詞

ALERTA NO VIETNÃ

(Notícias da Agência Xichdao, publicadas nos jornais de Nanning)

Melhor a morte que a escravidão! Em toda
parte do meu país
As bandeiras vermelhas estão tremulando
outra vez.
O que significa ser hoje um prisioneiro!
Quando vou poder sair, para tomar meu
lugar na batalha?

UMA DELEGAÇÃO INGLESA NA CHINA

Os americanos foram, e agora os ingleses
chegam.
Sua delegação é bem-vinda em toda parte.
Sou também delegado numa visita amistosa à China.
Mas as boas-vindas que me dão são de
outro tipo!

TRANSFERIDO DE VOLTA
A OUMING

Mandaram-me para Nanning,
Agora em levam de volta a Ouming.
De lugar em lugar, a jornada se alonga
Já tive tudo isso em dose muito alta.

COMIDA DE CACHORRO
EM PAOSIANG

Em Kuoteh come-se peixe fresco.
Em Paosiang, vive-se de comida de ca-
chorro.
Até mesmo os guardas da prisão
Têm pratos finos, de vez em quando.

REMENDÕES DE ESTRADA

Ensopado de chuva, açoitado pelo vento e
sem descanso
Como você se sente infeliz no trabalho,
consertando a estrada!
Entre os que passam por ela, a pé, a ca-
valo ou em carroça
Quantos se sentem agradecidos pelo seu
trabalho?

MEU BASTÃO, ROUBADO PELA SENTINELA

Toda sua vida comigo, você foi sempre
reto e forte.
Juntos passamos através das estações, da
neve e da neblina.
Maldito o ladrão que nos separou!
Por quanto tempo vai durar a tristeza que
nos causou?

MARCO DE ESTRADA

Nem muito alto, nem muito largo,
Nem imperador, nem rei,
Você é só um marco de estrada,
Que se ergue junto à rodovia.
As pessoas passam
Você indica a direção certa,
E impede que alguém se perca.
Você informa a distância
Que se precisa ainda percorrer.
Sua tarefa não é pequena
E toda gente lembrará sempre de você.

A CRIANÇA NA PRISÃO DE PINYANG

Ei! Ei! Ei! A deserção de meu pai.
Meu pai tem medo de ser soldado.
E ali estou eu na prisão, com apenas seis
meses de idade.
Levado no colo por minha mãe.

A CONTA DE LUZ

Quando você entra na prisão, começa a
pagar a luz!
Seis iuans Kwangsi por cabeça:
Assim que nesse domínio da treva
A luz custa apenas seis iuans.

VIDA NA PRISÃO

Todos têm seu próprio fogão, e algumas
panelas de barro
Para cozinhar arroz, legumes e ferver seu
chá.
Dia e noite, o lugar é enfumaçado.

A CONTA DE LUZ

Quando você entra na prisão, começa a
pagar a luz!
Seis iuans Kwangsi por cabeça:
Assim que nesse domínio da treva
A luz custa apenas seis iuans.

VIDA NA PRISÃO

Todos têm seu próprio fogão, e algumas
panelas de barro
Para cozinhar arroz, legumes e ferver seu
chá.
Dia e noite, o lugar é enfumaçado.

SR. KUO

Esse encontro foi de fato um golpe de
sorte,
Assim como quando duas flores são trazi-
das ao mesmo tempo
Pela corrente. Ah, Sr. Kuo, quanto me
toca sua bondade!
Como o presente de um pouco de carvão
no mais frio do inverno,
Foi saber que gente como você ainda
existe!

SR. MO, CARCEREIRO-CHEFE

O carcereiro-chefe em Pinyang tem um
coração de ouro.
Ele compra arroz para os presos com o
seu dinheiro.
À noite ele manda retirar os grilhões para
a gente dormir.
Não recorre jamais à força, mas apela
para a bondade.

NO TREM PARA LAEPING

Depois de muitos dias viajando a pé
Hoje vamos de trem.
Mesmo que se viaje sentado em montes
de carvão
Ainda é melhor que caminhar infinita-
mente!

UM HOMEM TENTA ESCAPAR

Levado por um só pensamento — liber-
dade — ele pulou do trem,
Arriscando tudo, e correndo cerca de meio
li.
Sem sorte, foi agarrado pelos guardas e
trazido de volta.

LAEPING

Aqui o chefe dos carcereiros joga cartas
todo o dia,
O chefe da segurança arranca dinheiro dos
presos,
Para transferi-los. O chefe do setor traba-
lha confortavelmente
Sob a luz de uma lâmpada elétrica. Nada
aqui mudou.

CHEGADA EM LIUCHOW

Toda amargura e todo sofrimento devem
acabar.
À noite, na minha chegada a Liuchow
Lembrei dos cem dias de pesadelo que
vivi,
E quando voltei a mim, meu rosto estava
ainda vincado de tristeza.

DETERENÇÃO DEMORADA SEM
INTERROGATÓRIO

A bebida parece ainda mais amarga nos
últimos goles.
A última porta é a mais difícil de transpor.
A residência do mandarim fica apenas a
um *li*,
Mas por que fico aqui esperando tanto
tempo?

MEIA-NOITE

Todos os rostos parecem honestos durante
o sono.
Só quando acordamos parecemos bons ou
ruins.
Bem e mal não chegam pelo nascimento:
No mais comum das vezes, vêm de nossa
educação.

NA RESIDÊNCIA DO MANDARIM

Afinal, pensei, chegamos à última porta!
Imaginei que o dia da libertação estivesse
próximo.
Quem imaginaria que eles criariam um
outro obstáculo?
Nova transferência: estamos indo agora
para Kweilin.

AO FIM DE QUATRO MESES

"Um dia na prisão é como mil dias fora
dela. . ."
Como estavam certos os antigos, expressan-
do isso assim!
Quatro meses numa vida que nada teve
de humana
Me envelheceram mais de dez anos.
É, nesses quatro meses não comi uma só
vez que me saciasse,
Nesses quatro meses não dormi uma só
noite confortável,
Nesses quatro meses não mudei de roupa,
e em quatro meses
Não tomei banho uma única vez.
Eis aí: perdi um dente, meu cabelo em-
branqueceu,
E, magro e escuro como um demônio mor-
dido pela fome,

Estou agora coberto de sarna.
Felizmente,
Sendo obstinado e paciente, nunca recuan-
do um centímetro,
Embora meu corpo sofresse muito, meu
espírito permaneceu inabalável.

SERIAMENTE DOENTE

Meu corpo foi massacrado pelas intempé-
ries da China,
Meu coração sangrou com os infortúnios
do Vietnã.
Como é amargo estar doente na prisão!
Em lugar de chorar, no entanto, prefiro
cantar.

CHEGADA A KWEILIN
(A floresta de caneleiras)

Kweilin não tem caneleiras ou florestas:
Mas as montanhas são altas e os rios pro-
fundos.
À sombra de uma enorme figueira, a prisão
parece terrível,
Sombria de dia, desolada à noite.

TAXA DE ENTRADA

Chegando à prisão, você tem de pagar
uma taxa —
Não menos de cinquenta iuans, normal-
mente.
Claro, se você não dispõe de um único
níquel para pagar
Será devidamente atormentado e perse-
guido.

?!

Quarenta dias perdidos, sem resultado.
Quarenta dias de sofrimento indescritível!
E agora outra vez mandado de volta a
Liuchow.
Novas preocupações e vexames, para
sempre.

?!

Liuchow, Kweilin, e outra vez Liuchow.

Atirado para um lado e outro como uma
bola.
Inocente, fui arrastado por todo Kwangsi.
Quando essas idas e vindas terminarão?

NO SETOR POLÍTICO DA QUARTA ZONA DE RESISTÊNCIA

Viajei pelos treze distritos da Província de
Kwangsi,
E provei as delícias de dezoito diferentes
prisões.
Que crimes cometi, afinal? — continuo
perguntando.
O crime de ser devotado ao meu povo.

CENA MATINAL

De manhã, o sol aparece sobre os picos
das montanhas
E se derrama pelas montanhas com um
brilho róseo.
Só em frente à prisão a escuridão per-
manece,
E o sol é afastado das celas da prisão.

FESTIVAL TSINGMING

No dia do Festival Tsingming cai uma
garoa monótona.
Os presos sentem as agulhadas da tristeza.
“Liberdade, onde está você?” — pergun-
tamos, e o carcereiro aponta
Para a casa distante do representante do
governo.

RESTRIÇÕES

Viver sem liberdade é uma situação miserável.
Até os apelos da natureza são controlados por restrições!
Quando a porta se abre, a barriga ainda não está preparada para ser aliviada.
Quando a natureza faz das suas exigências, a porta permanece fechada.

NOITES INSONES

Através de infinitas noites, quando o sono
se recusa a vir,
Escrevo mais de cem poemas sobre a vida
na prisão.
Ao final de cada quadra, deixo de lado
meu pincel,
E através das grades olho para o alto, para
o céu livre.

CHUVAS SEM FIM

Nove dias de chuvas incessantes, por um
dia de bom tempo!
De fato, o céu sobre nossas cabeças sabe
ser impiedoso.
Meus sapatos estão em pedaços, a lama da
estrada suja meus pés,
Mas apesar disso tenho de seguir caminho.

PESAR PELO TEMPO PERDIDO

O céu azul brilha lá fora para me desafiar.
São oito meses, agora, perdidos sob o peso
dos grilhões.
E um dia parece valer mil peças de ouro.
Quando outra vez vou gozar dias de liberdade?

IMPRESSÃO DE OUTONO

I

Por volta de dez da noite, a Ursa Maior
aparece atrás da montanha.
O canto dos grilos, crescendo e diminuindo,
anuncia o outono.
O que deseja o prisioneiro nessa mudança
de estação?
Seu único sonho nesse começo de outono
é a liberdade.

II

No ano passado, ao começar o outono, eu
era livre.
Este ano ele me encontra no fundo de uma
prisão.
Por serviços prestados ao meu país, de
certo posso dizer
Que este outono parece mais produtivo
que o anterior.

AUTORIZADO A DAR UMA VOLTA
NO PÁTIO DA PRISÃO

Depois de longa inatividade, minhas per-
nas são de algodão.
Vou tentando meus primeiros passos, cam-
baleando.
O chefe dos carcereiros grita para mim:
"Atenção para o tempo! Chega de rodar
por aí!"

NOITE DE OUTONO

Junto ao portão, está postado o guarda com
seu rifle.
No alto, nuvens desordenadas escondem a
lua.
Os percevejos fazem manobras nas camas,
Enquanto os mosquitos formam esquadri-
lhas, atacando como caças.
Meu coração viaja mil *li* para longe, no
rumo de minha terra natal.
Meu sonho é um emaranhado de tristezas,
um nó de fios misturados.
Inocente, completo agora um ano inteiro
na prisão.
Usando minhas lágrimas como tinta, trans-
formo meus pensamentos em versos.

LENDO UMA "ANTOLOGIA DE MIL POETAS"

Os antigos costumavam cantar a beleza
natural:
Neve e flores, lua e vento, névoa, mon-
tanhas e rios.
Hoje devemos fazer poemas falando tam-
bém de ferro e aço,
E o poeta também deve saber comandar
e atacar.

DIANTE DE UMA PAISAGEM

Os ramos de uma árvore fazem um quadro
de Chang Fei,
O sol brilha sempre nas virtudes de Kuan
Yu*,
Este ano não recebi notícias de minha
terra,
A cada dia espero uma palavra de lá.

* Chang Fei e Kuan Yu foram generais no período dos Três Reinos da China.

BOM TEMPO

Tudo muda, é o ciclo da natureza:
Depois de dias chuvosos, vem o melhor
dos tempos.
Num instante, o mundo todo muda sua
roupa molhada,
Milhares de *li* de montanhas desenrolam
seu tapete de brocado.
Sob o sol morno e o vento imaculado, as
flores sorriem,
Nas grandes árvores com seus ramos la-
vados, os pássaros fazem coro.
O calor desce sobre a terra do homem, e
a vida desperta.
O amargor agora cede lugar à felicidade,
É assim que a natureza quer que seja.

DEPOIS DA PRISÃO, UM PASSEIO NAS MONTANHAS

As nuvens envolvem os picos, os picos
envolvem as nuvens,
O rio lá embaixo brilha como um espelho,
limpo e claro.
No cimo das Montanhas Ocidentais, meu
coração se agita enquanto caminho
Olhando para o céu do sul e lembrando
de velhos amigos.



O *Diário de Prisão de Ho Chi Minh* foi escrito entre 28 de agosto de 1942 e 16 de setembro de 1943, quando Nguyen That Thanh — aliás Nguyen Ai Quoc, aliás Ho Chi Minh — era prisioneiro da polícia de Chiang Kai-shek no sul da China. Não é este livro propriamente um “diário” no sentido ocidental, porque consiste de 115 versos — quadras e poemas Tang no clássico estilo chinês.

“Num homem como Ho Chi Minh, a inteligência e a sensibilidade eram uma só. Não há nada secreto na sua vida pública ou privada. Para ele o sinal de sofrimento significava a chamada para a ação e para a expressão poética.” — Do “Prefácio”, de Phan Nhuan.